

Da Sociologia da Infância no Brasil e seus diálogos com a Educação Infantil: uma entrevista com Daniela Finco¹

Por Adilson De Ângelo

Doutor em Educação e Professor Adjunto
do Departamento de Pedagogia da
Universidade do Estado de Santa Catarina
adilsondeangelo@gmail.com

¹ Daniela Finco é natural de Atibaia, em São Paulo. Em 1995, formou-me em Magistério, fez a Graduação em Pedagogia (2000) e o mestrado em Educação (na Área de Educação, Sociedade, Política e Cultura) pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (2004). O seu doutorado também foi em Educação, na Área de Sociologia da Educação, pela Faculdade de Educação da USP (2010). É pesquisadora no Grupo de pesquisa Sociologia da imagem, artes e infâncias - FEUSP e no Grupo de estudos da Educação Infantil do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sócio-Cultural – GEPEDISC - Unicamp. Atua como membro da Comissão Gestora do Fórum Paulista de Educação Infantil. É professora do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-UNIFESP). Como professora e pesquisadora Daniela Finco tem atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Infantil (primeira etapa da educação básica em creches e pré-escolas), Sociologia da Infância, linguagens infantis, culturas infantis, relações de gênero, políticas públicas, direitos humanos e formação de professores. Em 2010, juntamente com a professora Ana Lúcia Goulart de Faria, organiza o livro “Sociologia da infância no Brasil”, que pretende, conforme apresentam as próprias autoras, “problematizar todas as formas de colonialismo, entre elas a educação da criança desde bem pequena”. Este livro oferece elementos para a discussão dos discursos que pretendem construir verdades absolutas sobre as infâncias e para rejeitar a arrogância da certeza teórica que se pretende homogênea. As indagações que serviram de mote à feitura da obra podem ser assim apresentadas: “Afinal, quem são as crianças brasileiras? Como vivem suas infâncias? Como estão participando da construção de nossa sociedade? Quais seus desejos, suas necessidades, seus sonhos, seus conflitos, suas vontades?” Os diferentes textos que compõem o livro convidam os seus leitores e suas leitoras a um mergulho em diferentes problematizações no sentido de “contribuir para a construção do campo da sociologia da infância no Brasil, já em curso desde 1947 com “As ‘trocinhas’ do Bom Retiro”, de Forestan Fernandes, e explorar a questão das especificidades e da diversidade que as crianças brasileiras nos apresentam em relação a classes sociais, gênero, raça e etnia”. O livro tem prefácio de Eloisa Acires Candal Rocha, apresentação de Ana Lúcia Goulart de Faria & Daniela Finco. E é sobre esta obra que pretendemos conversar com a Professora Daniela Finco.

Revista Percuros: Em que contexto surgiu o livro “Sociologia da Infância no Brasil”, organizado conjuntamente com a professora Ana Lúcia Goulart de Faria?

Daniela Finco: O livro surge da busca abordar um ator social excluído, que as Ciências Sociais ainda não deram a devida atenção, as crianças pequenas. Tem como intenção mostrar como as crianças atualmente vêm ganhando pouco a pouco visibilidade nas pesquisas no campo das ciências sociais no Brasil. A discussão apresentada no livro foi inspirada em nossa participação em encontros científicos (como por exemplo os Fóruns da Associação Internacional de Sociologia - ISA) e também da participação de grupos de estudos que abordavam a Sociologia da Infância, no diálogo com pesquisadores deste campo de estudo em outros países. Surge então a necessidade de olhar para as especificidades da nossa cultura e nossos contextos históricos e sociais, perceber a complexidade e diversidade de organização social brasileira nos trouxe o desafio de olhar para a constituição deste campo de pesquisa no Brasil, propondo a construção teórica de uma sociologia estrutural da infância brasileira.

Lembrando Roger Bastide, podemos dizer que “o sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistema de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui”. Ele prossegue dizendo que “o sociólogo que quiser compreender o Brasil não raro precisa transformar-se em poeta.”

Com este livro, então, procuramos evidenciar a construção da Sociologia da Infância que leva em conta as diferenças, as diversidades e as desigualdades de nosso imenso território e das muitas culturas nele presentes.

Revista Percuros: Os diferentes textos que compõem o livro pretendem contribuir com o campo da Sociologia da Infância no Brasil problematizando questões que nos fazem pensar nas crianças brasileiras, nas suas especificidades, nas suas identidades, nas suas diversidades. Contextualize a constituição do campo da Sociologia da Infância no Brasil. Que processos e influências teóricas marcaram esse processo?

Daniela Finco: Sobre a produção brasileira, vale ressaltar o modo pioneiro como Florestan Fernandes focalizou a criança em suas pesquisas, na década de 1940, e sua contribuição para este campo de estudo, advinda do registro inédito de elementos constitutivos das

culturas infantis, captadas a partir de observação sobre grupos de crianças e suas brincadeiras. Florestan Fernandes, que “ouviu” os que hoje chamamos de novos atores na cena social, mas que, com certeza, não são tão novos assim: os negros, as mulheres, os índios. Ele foi pioneiro ao estudar as crianças brincando na rua e assim construiu os conceitos de “grupo infantil” e “cultura infantil”.

Em 1991, José de Souza Martins publica sua pesquisa sobre as crianças do meio rural e destaca a menina Regimar no movimento da luta pela terra. Este livro esgotado traz uma coletânea com vários capítulos com crianças brasileiras. Na introdução, ele faz um importante alerta, reconhecendo o absurdo que a criança não é um informante fidedigno nas pesquisas no campo da Sociologia. Depois do Florestan, é Martins quem vai, mesmo sem retomar Florestan, dizer que as ciências sociais precisam olhar para a crianças.

Uma pesquisa realizada pela socióloga brasileira Dulce Consuelo Andreatta Whitaker “Meninas entre tradição e modernidade”, publicada no Cadernos Cedes, em 2002, mostra as resistências das meninas que viviam na zona rural de São Paulo. Revelando como essas meninas criticavam a sobrecarga do trabalho doméstico sobre os próprios ombros, principalmente sobre os de suas mães.

E diante das contribuições recentes da Sociologia da Infância, ampliamos o nosso entendimento sobre diversos aspectos das complexas e intrincadas relações sociais, culturais, regionais vividas pelas crianças, pelas infâncias no Brasil. Desse modo, as discussões apresentadas no livro trazem pesquisas realizadas com crianças pequenas no Brasil e evidenciam as diferentes formas de opressão e discriminação presentes em nossa sociedade, tais como a discriminação sexual, étnica, classista, regional.

As pesquisas presentes nesta reflexão também trazem em perspectiva a tensão entre o marxismo e as teorias pós-estruturalistas, assim como os estudos pós-colonialistas e discutem uma noção de infância, que pressupõe sua trajetória como um sujeito histórico, social, político e cultural.

Trazem críticas à sociedade, e às Ciências Sociais, organizadas em torno do autoritarismo do adulto: o adultocentrismo. Desse modo abordam a construção social da infância como um novo paradigma, com ênfase na necessidade de reconstrução do

conceito marcado por uma visão ocidental, colonizada e "adultocêntrica". Problematizando todas as formas de colonialismo, entre elas a educação da criança pequena, já discutida por Fulvia Rosemberg, na SBPC de 1976, numa mesa redonda sobre educação com forma de colonialismo onde ela denuncia o adultocentrismo.

A presença desta perspectiva científica atual também é o reflexo de um intenso debate e do movimento de pesquisadores e pesquisadoras que, desde os anos de 1980, vinham buscando abrir caminho para uma perspectiva de investigação que considerasse as determinações estruturais e as dimensões contextuais definidoras dos processos educativos com crianças pequenas.

Percebe-se cada vez mais, a criança como um ser organizado e competente, finamente adaptado às exigências de cada fase de sua vida, como apontava o artigo "Interação criança-criança: Ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas" de Ana Maria Almeida Carvalho e Katharina Arnold Beraldo, no campo da psicologia, publicado em 1989. Que buscavam reforçar a importância da convivência da criança com seus pares, e interação com o adulto e que desenvolve relações prolongadas e significativas com seus coetâneos. Analisaram o ressurgimento do interesse pelo estudo da interação criança-criança, e de suas conseqüências nas concepções sobre a criança, influenciadas pelos estudos da italiana Luigia Camaioni, de 1980, que nesta época já estudava e pesquisava, com a psicologia as crianças entre elas.

Nesta perspectiva, temos uma referência traduzida recentemente na coleção "Formação de Professores, série Educação Infantil em Movimento" da Editora Autores Associados, o livro "Os bebês entre eles: descobrir, brincar, inventar juntos" escrito por pesquisadoras francesas e italianas, Mira Stambak, Michèle Barrière, Laura Bonica, Renée Maisonnet, Tullia Musatti, Sylvie Rayna e Mina Verba, publicado originalmente em francês, em 1983, que representa um avanço significativo e certamente uma influência para a constituição deste campo de pesquisa.

As pesquisas apresentadas no livro, evidenciam como os processos de socialização são interativos e como as crianças participam ativamente dessa relação, elas a reinventam e a transformam. Observando a capacidade das crianças de arranjar

estratégias de transgressão das regras estabelecidas pelos adultos; de constituir outras, a partir das relações construídas no coletivo infantil.

Nesta perspectiva, a proposta de mostrar pesquisas brasileiras que estão se desenvolvendo nas áreas de educação, e contribuindo para a construção de uma Sociologia da Infância pós-colonial, destacando a questão das crianças pequenas como sujeitos de direitos. Pesquisas que consideram relevante o cotidiano e as vivências das crianças evidenciando como as diferenças marcam suas condições sociais de vida.

Revista Percuros: Daniela, aponte-nos os desafios atuais para a consolidação do campo da Sociologia da Infância no Brasil, tanto no debate acadêmico quanto na compreensão dos profissionais da Educação Infantil.

Daniela Finco: No diálogo com o campo da Sociologia da Infância, enfrentamos o desafio de tentar compreender os contextos de vida, os desejos e as lógicas das crianças brasileiras, e de usar essas informações em seu favor, para que suas diferenças se explicitem sem que sejam transformadas em desigualdades. De pensar e construir uma pedagogia da infância que favorece desvendar as origens da desigualdade. Uma pedagogia da diferença, da escuta, das relações, diríamos, uma pedagogia *macunaímica*.

A pedagogia da educação infantil para creches e pré-escolas não pode estar relacionada à concepção de infância e seu processo de escolarização, tradicionalmente voltada à noção de incompletude, criança homogênea, em que as delimitações têm sido feitas pela imaturidade e pela falta em relação à maturidade do adulto.

A construção social da infância aponta um novo paradigma de estudos. Aponta para a compreensão sobre o papel ativo da criança e possibilita perceber que há realidades sociais que só podem ser descobertas, apreendidas e analisadas a partir do ponto de vista das crianças e de seus universos específicos. Elas interagem no mundo do adulto, negociam, compartilham e criam culturas.

Refletir sobre outra concepção de criança, na perspectiva da Sociologia da Infância, provoca-nos a pensar em outra concepção de professor e de professora. Pensar em uma “professora diferente”, capaz de proporcionar as condições que permitam a autonomia infantil, não somente em relação à reconstrução, pela própria criança, do

conhecimento já produzido, mas também para a ação coletiva da cultura infantil advinda dessa experiência e da sua imaginação.

Também nos exige pensar em uma formação docente para a emergência de novas pedagogias, que promovam e recebam com bons olhos a transgressão, a incerteza, a complexidade, a diversidade, a não linearidade, a subjetividade, a singularidade, as perspectivas múltiplas e as especificidades espaciais e temporais.

Acredito que o desafio para o debate acadêmico está em construir metodologias de pesquisa que realmente tenham como foco suas vozes, seus olhares, suas experiências e seus pontos de vista.

Revista Percursos: Como se constitui atualmente o Grupo de Estudos da Educação Infantil do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sócio-Cultural - GEPEDISC/Unicamp? Quais os estudos recentes desenvolvidos pela/os pesquisadora/es que o constituem? Que contribuições tais estudos oferecem para a Educação Infantil brasileira?

Daniela Finco: O GEPEDISC - Culturas Infantis, coordenado pela professora Ana Lúcia Goulart de Faria, agrega pesquisadores e pesquisadoras que investigam as infâncias, especialmente a educação da pequena infância de 0 a 6 anos de idade. Tal grupo compõe o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC) ligado ao DECISE - Departamento de Ciências Sociais na Educação, da Faculdade de Educação da Unicamp.

As pesquisas realizadas em diversas regiões do Brasil, em tempos e espaços distintos, buscam aproximação daquilo que chamamos de “a criança estrangeira”, que nos convida nos maravilharmos com elas, suas produções, suas transgressões e também a nos inspirar para recriarmos nossas percepções e possibilidades de transformação desta realidade social determinada e perversa, onde a criança e suas infâncias estão sempre ameaçadas a perderem-se na lógica do formal, do vir a ser.

Investigamos “a criança como estrangeira” não como alguém que é de fora, desconhecida, mas como alguém que nos instiga a sair do lugar comum e a conhecer outros lugares, atravessar fronteiras.

São diversas pesquisas produzidas no âmbito da produção acadêmica, realizadas em diversas regiões do Brasil, em tempos e espaços distintos, com crianças inventivas com suas Cirandas, construindo na luta pela terra suas identidades, produzindo as culturas infantis dos sem terrinha (Edna Rosseto, 2006, 2011; Daniela Finco e Márcia Gobbi, 2011). Com crianças indígenas, Guaranis Kaiowás, kadiwéu (Paulo Humberto Porto Borges, 2006; Miriam Noal, 2006), crianças pomeranas (Rosali Rauta Siller, 2008), crianças filhas da classe operária e crianças nas relações entre diferentes classes sociais (Lara Simone Dias, 2005; Clelia Virgínia Rosa, 2009 e Reny Schifino, 2011), meninos, meninas e relações de gênero (Márcia Gobbi, 1998; Daniela Finco, 2004, 2010), infância quilombola e crianças negras (Nara Martins Moretti, 2009; Márcia Lúcia Anacleto de Souza, 2011 e Flávio Santiago, 2012), brancas, indígenas que participam da sociedade que vivem no convívio e no confronto com as diferenças, construindo suas identidades. Crianças que com suas diversidades e singularidades nos convidam a nos maravilharmos com elas, com suas vidas, suas invenções, descobertas, suas transgressões e desejos.

Uma pesquisa de doutorado em andamento, realizada por Adriana Alves da Silva, envolve a temática da infância e cinema, buscando a interlocução entre ciência, arte e política. São pesquisas que reafirmam seus olhares para a criança e seu compromisso com ela, na construção de uma pedagogia descolonizadora, buscando também o diálogo no campo das políticas.

O grupo revela em suas pesquisas seu comprometimento político com os caminhos da infância brasileira, marcam as lutas pelos direitos das crianças brasileiras, e, neste sentido, pela construção de uma sociedade radicalmente diferente que não exclua sua participação desde o nascimento, e ainda pela construção de uma Pedagogia da Infância que favoreça desvendar as origens das desigualdades, como afirma Marilena Chauí (1980).

O grupo compreende por Pedagogia da Infância, aquela que tem como objeto de preocupação a própria criança, seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais, como destacou a pesquisa de doutorado de Eloisa Acires Candal Rocha, em 1999.

Revista Percuros: Agradecemos à professora Daniela Finco por esta partilha. Seria bem oportuno, aqui, lembrar as palavras da professora Maria Walburga dos Santos, do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), quando ela nos diz que a leitura deste livro nos dimensionará para questões que se configuram como espaços de: transgressão, invenção, reconhecimento, diversidade, construção, alternativa, Identidade. “A Sociologia da Infância no Brasil já vem traçando sua história. Pode ajudar-nos a compreender e a agir melhor em relação à infância e às crianças, viabilizando uma sociedade com "asas e desejos", que possibilite o novo, que desperte as Ciências Sociais para a criança agora, no tempo presente. Bem-vinda, Sociologia da Infância no Brasil”, assevera a professora. Mais do que bem-vinda, bem haja a sociologia da infância no Brasil.

Florianópolis, julho de 2013.